

AS CIDADES E AS ESCRITAS DOS SUJEITOS: o traçado da subjetividade nordestina na Trilogia de Antônio Torres.

Manoela Falcon Gallotti ¹

RESUMO

trabalho tem como objetivo avaliar o perfil da nordestinidade apresentada pelas obras da trilogia literária do escritor Antônio Torres nos romances *Essa Terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Como as obras representam os espaços das cidades do nordeste no atual contexto midiático em que as antenas parabólicas e as redes wifi estão presentes em boa parte dos lares? Por um estudo que busca analisar como a literatura contemporânea tem investido na formação de imaginários sociais e como elas diferem das apresentadas pelas narrativas que fundaram diversos mitos sobre a região. Para ampliar as discussões em torno da condição identitária e cultural da construção da subjetividade nordestina, assim como dos deslocamentos entre as cidades, entre o rural e o urbano, traçamos diálogos com as teorias desenvolvidas por CANCLINI (2007) , FOUCAULT (2010), HALL (2006), MARTIN-BARBERO (2006) e ALBUQUERQUE JR (2011). A reconfiguração do Nordeste brasileiro marcada pelo trânsito livre de acesso às novas tecnologias tem deslocado o significado destes espaços representados por um imaginário de precariedades construído pela literatura.

Palavras-chave: Literatura, Identidade, Cidades, subjetividade, Nordeste.

INTRODUÇÃO

A trilogia romanesca de Antônio Torres traz para o espaço da representação a persistência da problemática que questiona a noção de identidade existente no cenário cultural brasileiro. O descentramento do sujeito nas narrativas em questão mobiliza ainda a representação da região interiorana nordestina, na qual a tradição e o desejo de modernidade encontram-se já indissociáveis na formação dos indivíduos. Por isso, o desejo de partida da cidade interiorana para o centro da cidade de São Paulo em busca do cotidiano cosmopolita, marca a narrativa de Totonhim, narrador de *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo Fundo da agulha* (2006).

Ao sair do espaço nordestino e migrar para São Paulo, os protagonistas traduzem a experiência diaspórica vivida pelo homem moderno na contemporaneidade. Os

¹ Doutorado em Literatura e Cultura pela UFBA e docente do Instituto Federal de Sergipe – IFS, manoela.gallotti@ifs.edu.br ;

processos de identificação são encenados pelas páginas possibilitando a discussão sobre os movimentos de desterritorializações ou descentramentos vividos pelos sujeitos, sejam eles habitantes dos espaços rurais ou urbanos.

Na análise dos romances, verificamos como as personagens vivem as experiências da migração, ao mesmo tempo em que os aspectos míticos da cultura sertaneja são mesclados e incorporados às crenças culturais cosmopolitas. Nas narrativas dos romances *Essa Terra, O cachorro e o lobo e Pelo fundo da agulha*, essa desterritorialização é vivida pelo protagonista a partir da experiência diaspórica, também representada pelo simbolismo do deslocamento da viagem (A ida/ O retorno), do interior nordestino para o grande centro urbano. Vemos nas narrativas as imagens da negociação entre as subjetividades sociais formuladas pelo espaço citadino e globalizado da cultura pós-moderna.

Nesse âmbito, faremos a análise dos discursos engendrados pela tradição cultural e pelas formas de representação do espaço e da subjetividade sertaneja, apresentados pela literatura torreana. O questionamento da representação dos espaços-Nordestes nessas obras visa refletir sobre os processos de apropriação e criação das identidades, repensando-se a construção subjetiva do nordestino na contemporaneidade.

Para discutirmos estas questões, abordaremos alguns aspectos voltados à condição dos sujeitos que habitam os grandes centros urbanos e as cidades nordestinas, seus sonhos e projeções; descrevendo como se traduz de forma instigante as inquietações diretamente ligadas aos problemas identitários surgidos pela convivência entre o “eu” e o estranho “outro”, a partir dos lugares habitados.

As citações de objetos, rostos de pessoas, ou melhor, ídolos facilmente reconhecidos em determinada cultura, também fazem parte das estratégias midiáticas utilizadas como investimento no fenômeno conhecido como “homogeneização cultural”. Esse fenômeno tem sido constantemente discutido pelos teóricos culturais quando avaliam a transformação das identidades, analisando a tensão estabelecida entre o “global” e o “local”. Para eles, essa tensão seria sustentada pela difusão do sistema econômico fundamentado nas relações de consumo.

O teórico Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, ao analisar os efeitos da globalização sobre as formações identitárias, afirma que houve entre as nações uma espécie de partilhamento das identidades geradas pela relação que os indivíduos mantêm com os fluxos culturais e com os bens de consumo. Ao consumirem

os mesmos bens, serviços, mensagens e imagens, os indivíduos, mesmo estando distantes uns dos outros, partilham deste efeito global que visa fabricar os gostos, hábitos e costumes. Para o autor,

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. (HALL, 2006, p. 74).

Em perspectiva semelhante ao confronto identitário descrito por Hall, no que diz respeito à relação entre o sujeito e o consumo, concordamos com o posicionamento de alguns teóricos que se voltam para a vinculação da formação identitária a partir do contato dos indivíduos com os meios de comunicação. Entre eles destacamos a importância dos estudos desenvolvidos por Martin-Barbero (2006), quando ele defende a ideia de que há um crescente investimento realizado pelo sistema econômico globalizado no intuito de utilizar os meios midiáticos como instrumento de homogeneização cultural. Por esse viés, a cultura fragmentária, inclusive a massiva, pode deslocar a ideologia dominante atribuída a certos produtos culturais e transvalorar o seu caráter homogeneizador.

O autor desmistifica o caráter de uma crítica cultural acostumada a atribuir um super poder homogeneizador, associado principalmente às produções televisivas e cinematográficas contemporâneas. Ao adotar uma configuração móvel da hegemonia enquanto processo ativo, afirma que “não há hegemonia, mas sim que ela é *feita e desfeita, se refazendo permanentemente num “processo vivido”, feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade*” (Gramsci apud Martin – Barbero, 2006 p. 112).

O sujeito seria, portanto, membro participativo da construção das “pseudo” hegemonias, o que nos permite afirmar que nem todo empreendimento investido pelos “sujeitos de hegemonia” é uma garantia à reprodução do sistema. As citações e apropriações da cultura nordestina encenadas e descritas nas narrativas literárias e fílmicas trabalhadas aqui podem jogar com a reversão da lógica atribuída ao sistema

cultural tradicionalista e deslocar, ou melhor, vislumbrar outros sentidos, outros significados para a leitura dos possíveis nordestes construídos socialmente.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na trilogia do escritor baiano Antônio Torres é perceptível a forma como a narrativa literária desloca a visão de um nordeste tradicionalmente representado pela literatura brasileira enquanto descrição de um cenário seco, em que a aridez acaba sendo refletida na formação subjetiva dos personagens, como verificamos em boa parte dos romances modernistas da geração de 1930, para investir num espaço sertão agora representado como uma espécie de não-lugar. Retrata-se, assim, a complexidade da sensação de pertencimento daqueles que partiram e, ao retornar, não conseguem mais se identificar com o lugar de origem.

Encontramos a presença de muitas citações e referências na narrativa do romance *Pelo fundo da agulha*, entre elas a citação de Albert Camus sobre a condição do sujeito que se sente um estrangeiro. Uma outra longa citação do trecho do *O mito de Sísifo* é descrita quando Totonhim analisa o contexto do suicídio do sogro, indagando sobre o seu engano em relação às suas existências, ao afirmar que pensava que o estrangeiro ali fosse ele.

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão filosófica fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois... Há muitas causas para um suicídio e, de um modo geral, as mais aparentes não têm sido as mais eficazes... Aquilo que provoca a crise é quase sempre incontrolável. Os jornais falam muitas vezes de “desgostos íntimos” ou de “doença incurável”. São explicações válidas. Mas era preciso saber se nesse próprio dia um amigo do desesperado não lhe falou num tom diferente. Ele é o culpado. Porque isso pode bastar para precipitar todos os rancores e todos os cansaços ainda em suspenso...

Um mundo que se pode explicar, mesmo com más razões, é um mundo familiar. Mas, pelo contrário, num universo subitamente privado de ilusões e de luzes, o homem sente-se um estrangeiro...¹⁰

Nas narrativas literárias, as sensações de estrangeirismo tentam ser vencidas pelo contexto da homogeneização cultural citado anteriormente. Nas narrativas de Torres é visível a presença dos símbolos veiculados pelos meios de comunicação de massa, permitindo a percepção de como a cultura pop já se encontra disseminada na cultura nordestina através da acessibilidade dos meios tecnológicos. Assim como também é visível a comparação dos espaços em que as identidades são reforçadas pelo contato direto com os bens culturais, investindo na aproximação entre os sujeitos, numa espécie de “pseudo” familiarização com os objetos culturais:

(...) A terra dorme. Com o que este lugar estará sonhando? Durante o dia achei que o cenário era perfeito para um filme de *cowboy*. Agora o cenário está desmontado. Fecharam o último *saloon*, nenhum pistoleiro chegando, ninguém toca gaita, realejo ou violão. Nenhuma moça à janela. Nenhum Bob Nelson cantando: “ô-ti-ro-lê-i-ti”. E eu não serei mais gongado num programa de calouros. The end. Só os galos cantam. E os cachorros uivam, solidários com as minhas velhas dores. (...) (TORRES, 1997, p. 190-191).

Voltaria àquele subúrbio feio, pobre, triste. E nele encontraria mais pessoas para ter saudades da sua terra do que o escrivão de polícia que acabava de conhecer. Nem parecia que aquele lugar, chamado São Miguel Paulista, fazia parte das redondezas da maior cidade da América do Sul, da qual era um apêndice inchado, graças às contribuições dos retirantes sertanejos à sua densidade demográfica. O alto-falante da praça cantava: *Eu penei, mas aqui cheguei...* Eis aí: a voz do mesmo Luiz Gonzaga, o rei do baião, ouvida em todas as praças do sertão. Sentiu-se no Junco (TORRES, 2006, p.141).

As multiplicidades de narrações encontradas nas construções romanescas fazem parte da articulação da estética fragmentária disseminada e exercida pelas estruturas sociais e culturais contemporâneas. A forma como a estrutura social repercute na elaboração objetiva dos imaginários faz com que os sujeitos representem seu lugar a partir da crença de que gostos e hábitos que antes eram estranhos passem a ser familiares, ou seja, comecem a fazer parte das experiências vividas por eles, em contato direto com os agenciamentos dos processos globalizadores.

10 Ver citação do trecho de O mito de Sísifo, de Camus In: TORRES, Pelo fundo da agulha, 2006, p. 182.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestor Garcia Canclini (2007) vincula a sobrevivência deste sistema à existência da interculturalidade, defendendo que “a globalização sem a interculturalidade é um “OCNI”, definindo a sigla como Objeto Cultural Não Identificado” (CANCLINI, 2007, p.46) e que intencionalmente o caráter estratégico dessa hegemonia interessa somente àquilo que diz respeito às políticas do mercado. Para este autor, é nesse contexto que podemos analisar a condição de formação identitária do sujeito contemporâneo, em suas narrativas em conflito, inseridas constantemente em diversas comunidades imaginadas.

(...) Mas o que sabemos das identidades indica que estas não têm consistência fora das construções históricas em que foram inventadas e dos processos em que se decompõem ou se esgotam. Alguns elementos utilizados para delimitar cada identidade, por exemplo, o uso da língua, são passíveis de estudos rigorosos, mas outros componentes que muitas vezes são dados como definições identitárias (cor da pele, gosto, hábitos) oscilam entre o determinismo biologicista e vagas convicções subjetivas.” (CANCLINI, 2007, p.78)

Parafraseando Canclini, podemos considerar que a “identidade nordestina” habita o imaginário brasileiro a partir do contato com diversas narrativas. Se pensarmos na produção literária da década de 1930 ou do Cinema Novo da década de 1960, veremos o Nordeste a partir de unidades discursivas que reforçam as imagens da região voltadas para o subdesenvolvimento, o atraso econômico, a fome e, fundamentalmente, para a abordagem da temática da seca.

Nas produções literárias do escritor Antônio Torres, veremos que o imaginário associado aos personagens estão impregnados de características arquetípicas e mitológicas em relação às diversas estratégias discursivas de poder que se cristalizaram como características expressivas da região.

A visibilidade e a dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribuem realidade. Compõe-se de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam “raízes”. São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquetípicos, mitológicos, que parecem boiar para além ou aquém da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnarem em práticas, em instituições, em subjetividades sociais. São imagens, enunciados, temas e

“preconceitos” necessariamente agenciados pelo autor, pelo pintor, pelo músico ou pelo cineasta que querem tornar verossímil sua narrativa ou obra de arte (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 217).

Através do estudo da recepção de objetos culturais que problematizam as questões do atual nordeste brasileiro, entre o local e o global, o urbano e o rural, o espaço tecnológico-logicizado do interior nordestino em diálogo com a urbanidade paulistana, podemos tornar possível a ativação de um olhar estético-político-cultural que aponte não só para o questionamento da visão do espaço rural e urbano, sugerido pelo projeto racionalista moderno, baseado no raciocínio binário e excludente, como pensar as transformações que esses espaços causam ao se inscreverem como uma espécie de releitura da modernidade. Pois o fácil acesso às novas tecnologias tem desafiado o próprio processo de compreensão das expressões espaciais da modernidade, sobretudo, quando se trata das noções que envolvem o espaço urbano e o rural, na contemporaneidade. As tênues distinções que vêm demarcando estes espaços surgem como consequência de processos sociais variados.

Esses processos de transformações ocorridos e que denominamos aqui de espaços-Nordestes já não podem ser explicados por uma perspectiva puramente econômica, haja vista que esta perspectiva não é capaz de dar conta das formas e interações espaciais portadoras de uma objetividade. E por outro lado, ao avaliarmos as explicações fundamentadas num viés econômico, podemos perceber o quanto estão distanciadas de uma reflexão sobre as relações entre cultura e espaço.

Sendo assim, acreditamos que a análise espacial do atual Nordeste implica ainda uma reflexão sobre as noções de espaço, lugar, paisagem e território abordados pela nova geografia cultural, repensando o índice de abstração expresso por estes conceitos, pois como afirma Milton Santos, “trata-se de formular um sistema de conceitos (jamais um só conceito!) que dê conta do todo e das partes em interação” (SANTOS, 1999, p.93). O conceito de espaço não está livre das interferências causadas pelo fluxo cultural e midiático que vem formando a sociedade. A reflexão sobre a noção de espaço tem contribuído para a compreensão das mudanças e das novas configurações estruturais do mundo contemporâneo.

Em seu livro *Microfísica do Poder*, no capítulo X, intitulado “Sobre a geografia”, Foucault chama atenção para as incertezas das espacializações e dos usos metafóricos que se faz de algumas dessas noções, entre elas a de território, “(...) vemos o que são estas

metáforas geográficas. Território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder (FOUCAULT, 1979, p.157)”. E ampliando a discussão sobre a necessidade de se descortinar as relações estratégicas de poder que envolvem as noções espaciais nas diversas sociedades, este autor justifica a sua obsessão pelo tema da seguinte forma:

Reprovaram-me muito por essas obsessões espaciais, e elas de fato me obcecaram. Mas através delas, creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se aprender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território (FOUCAULT, 1979, p.158).

São essas relações de saber-poder imbricadas na “Invenção do Nordeste” que se descortinam nas narrativas e trazem para a cena a ampliação das noções de espaço, considerando intrínsecos os espaços geográficos, culturais, político-econômicos e (auto)biográficos, como aqueles capazes de indicar as possíveis visibilidades e dizibilidades dos atuais espaços-Nordestes nas produções literárias contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização imaginada**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17 ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SANTOS, Milton. SOUZA, Maria Adélia A.(org.). **A construção do espaço.** São Paulo: Nobel, 1999.

TORRES, Antônio. **Essa Terra.** São Paulo: Editora Ática, 1976.

TORRES, Antônio. **O cachorro e o lobo.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

TORRES, Antônio. **Pelo fundo da agulha.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

